

O ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO COMO CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DA PESSOA HUMANA, SEGUNDO EDITH STEIN

PHILOSOPHICAL COUNSELING AS A CONTRIBUTION IN THE FORMATION OF THE HUMAN PERSON, ACCORDING TO EDITH STEIN

Matheus Henrique Luchesi¹

RESUMO: O Aconselhamento filosófico nasce da tese de que a filosofia deve ultrapassar os muros das universidades e, por isso, deve ser inserida de maneira prática no nosso cotidiano. Iniciado por Gerd B. Anchenbach em 1982 na Alemanha, essa nova concepção de filosofia expandiu-se pelo mundo inteiro, assumindo diversas nomenclaturas. Seus critérios, abordagens e métodos tornaram-se cada vez mais eficaz, ao ponto de promover e oferecer o auxílio necessário para a própria formação da pessoa enquanto tal. Nem sempre podemos compreender os problemas existenciais e periféricos da vida, por isso, muitos dos problemas não podem ser tratados do ponto de vista psicológico ou psiquiátrico, mas podem ser compreendidos e resolvidos a partir do Aconselhamento filosófico, que não é uma terapia para os doentes, mas para os são. No entanto, é possível por meio dos questionamentos filosóficos universais, tratar questões básicas inerentes ao ser humano: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Segundo Edith Stein, o caminho para a formação da pessoa humana, depende de tais reflexões que, através de um processo contínuo de interiorização e busca pela verdade, permite o indivíduo despertar suas forças interiores e formadoras em vista da busca do seu núcleo central. Sendo assim, descrevendo a estrutura do ser humano e apresentando o conceito de formação a partir de seu método fenomenológico, Edith Stein afirma que, a formação humana consiste em ir em busca do núcleo pessoal, ou seja, descobrir o que temos de originalidade (ser individual, identidade) a fim de encontrar-se com “eu” mais verdadeiro e libertar-se dos reverses da vida, tornando-se sujeito da própria história. Contudo, o Aconselhamento filosófico com base na maiêutica socrática: “conhece-te a si mesmo” contribui de maneira qualitativa na formação da pessoa humana, permitindo que o indivíduo encontre através da reflexão, a luz para chegar a essência do seu próprio ser.

Palavras-chave: Aconselhamento. Interiorização. Núcleo. Formação. Pessoa.

ABSTRACT: Philosophical advice arises from the thesis that philosophy must go beyond the walls of universities and, therefore, it must be inserted in a practical way in our daily lives. Started by Gerd B. Anchenbach in 1982 in Germany, this new conception of philosophy has expanded throughout the world, taking on various nomenclatures. Its criteria, approaches and methods have become increasingly effective, to the point of promoting and offering the necessary assistance for the person's own formation as such. We cannot always understand the existential and peripheral problems of life, therefore, many of the problems cannot be

¹ Bacharelado em Teologia pela Universidade Cruzeiro do Sul, licenciado em Filosofia pela Instituição Claretiano Centro Universitário, especialista em aconselhamento filosófico pela Instituição Claretiano Centro Universitário, pós-Graduação em Neurociência pela FCE Faculdade Campos Elíseos; Pós-Graduação: Educação Musical pela FCE- Faculdade Campos Elíseos. E-mail: matheusluchesi@hotmail.com.

treated from a psychological or psychiatric point of view, but they can be understood and solved from Philosophical Counseling, which is not a therapy for the sick, but for them they are. However, it is possible, through universal philosophical questions, to address basic questions inherent to human beings: Who am I? Where did I come from? Where I go? According to Edith Stein, the path to the formation of the human person, depends on such reflections that, through a continuous process of interiorization and search for truth, allows the individual to awaken his inner and forming forces in view of the search for his central nucleus. Thus, describing the structure of the human being and presenting the concept of formation based on his phenomenological method, Edith Stein states that, human formation consists of going in search of the personal nucleus, that is, discovering what we have of originality (being individual, identity) in order to meet the truest self and free oneself from the woes of life, becoming the subject of history itself. However, Philosophical Counseling based on Socratic maieutics: "know yourself" contributes qualitatively to the formation of the human person, allowing the individual to find through reflection, the light to reach the essence of his own being.

Keywords: Counseling. Interiorization. Core. Formation. People.

INTRODUÇÃO

Cada época histórica traz em sua trajetória aspectos que denotam os movimentos existenciais e suas respectivas progressões, inovações, dramas e conflitos. Se olharmos para o nosso presente, podemos observar que estamos vivenciando "A era do conhecimento", no qual o sujeito humano ocupa o centro de toda a realidade histórica: é nele e por ele que todas as coisas devem ser investidas, os recursos, as possibilidades e os aprimoramentos da sua formação integral. Atualmente, devido ao grande desenvolvimento do mundo moderno, os trabalhos e compromissos que este nos impõe, somos impedidos de olhar para nós mesmos, e não nos damos conta das nossas ações e reações frente os problemas cotidianos, agimos de maneira singular ou impulsivamente, criando assim, lacunas obscuras ou questionamentos dilacerados, muitas vezes escondidos nos escombros de nossa existência. Sendo assim, nos perguntamos: O que é homem? Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?

Diante de tais questionamentos, podemos enfatizar a importância da filosofia para o contexto atual em que vivemos e o seu reconhecimento fora dos muros acadêmicos, pois a mesma apropria-se do campo ético, moral e político e, esboça o "Ser" em sua totalidade, elencando muitas vezes, questões e perguntas a respeito do homem. Portanto, podemos afirmar que ainda hoje é possível captar fragmentos das ideias passadas pelos antigos gregos. Na obra "*Sócrates e os Sofistas*"² de Paulo Ghiraldelli, nos parece evidente que, Sócrates é um símbolo que a filosofia nos deixou para encontrarmos a verdade e questionar suposições

² GHIRALDELLI JUNIOR, P. Sócrates e os sofistas. Introdução à Filosofia. Barueri: Manole, 2003. (Cap. 3, p. 13 a 18). (Biblioteca Digital Pearson).

preguiçosas. Isto é, a probabilidade de que a filosofia pode nos libertar, oferecendo-nos a autoconfiança para defender nossas ideias. A intenção de Sócrates era a de fazer com que todos reavaliassem suas crenças, a fim de tomar consciência de que ele não sabia o que pensava saber. Ou seja, tomar consciência de que ele nada sabe. Sócrates é aquele que faz vir à luz a verdade dos conceitos. Sendo assim:

Sócrates torna-se o guia de todo o Iluminismo e de toda a filosofia moderna; o apóstolo da liberdade moral, separado de todo dogma e de toda tradição, sem outro governo além daquele da sua própria pessoa e obediente apenas aos ditames da voz interior da sua consciência; o evangelista da nova religião terrena e de um conceito da bem-aventurança atingível nesta vida mercê da força interior do homem e baseada, não na graça, mas na incessante tendência ao aperfeiçoamento do nosso próprio ser. (PAIDÉIA, 2001, p. 494)

Para Sócrates, não estamos habituados a ser questionados sobre nossas escolhas. Ele queria que superássemos a preguiça e a timidez e descobríssemos em que realmente acreditamos para que, com a descoberta de nossas crenças, pudéssemos defendê-las, para abrimos nossa mente. Ele não nos dá somente confiança para desafiar a ideologia dominante, as crenças e as tradições, também nos faz desenvolver nossas próprias crenças, que podem ajudar a nos destacarmos diante de muitos. Acreditava que todos tinham o dever de refletir sobre suas vidas. No entanto, podemos dizer que a ideia de pensar logicamente sobre nossas vidas, pode nos ajudar a ficar mais seguros e independentes, menos conformistas e menos vulneráveis a opinião alheia. Por isso, a autoconfiança assume papel importante no contexto do Aconselhamento Filosófico, pois abre caminho para o indivíduo dizer o que ele pensa, no momento exato, transmitindo-o assim, a sua mensagem.

Portanto, a filosofia prática, bem como o Aconselhamento Filosófico, representa a libertação da filosofia do mundo acadêmico, ou seja, ela foi retirada da redoma e realçada para a ação, resgatando assim, sua verdadeira origem: preocupar-se com questões que realmente interessa os seres humanos. Isto é, voltou-se a praticar aquilo que Sócrates muitas vezes tratava quando reunia às pessoas na *Ágora*. Entretanto, a filosofia aparece como um instrumento para que se possa pensar com mais rigor, por isso, é colocada em pauta, seja como conhecimento indispensável a compreensão do mundo moderno, seja como alívio às angústias ou crises existenciais que atormentam o homem. Ao mesmo tempo, a filosofia uma vez alicerçada como base e fundamento do Aconselhamento, ajuda-nos a compreender a formação e a condição humana, segundo suas estruturas e seus respectivos aspectos. Logo:

A filosofia pode ser incompreensível, mas pode, também, ajudar a responder questionamentos como "quem sou, qual o sentido de minha

missão no mundo, o que é certo ou errado, como devo agir", dentre outras indagações existenciais comuns a todo ser humano. (JAEGER, 2012, p. 145)

Segundo, Adair A. Sberga em sua obra "*A formação da pessoa em Edith Stein*", bem como o estudo da obra "*A antropologia de Edith Stein*" de Mariana B. Kusano, o caminho para a formação humana, segundo Edith Stein, consiste no apoio e na fundamentação filosófica, afim de alcançar forças interiores e despertá-las para uma possível transformação. Isto é, caminhar sempre por uma mesma direção e não querer ser aquela pessoa que você não é, e não pode vir a ser. Nesse sentido, podemos afirmar que a filosofia de Edith Stein nos oferece fragmentos reflexivos que perpassa até mesmo os conceitos e razões apresentados pelo mundo hodierno. Segundo Patrícia Manganaro (2016), "Trata-se de uma filosofia em primeira pessoa, de uma lógica peculiar que se alimenta de um dinamismo da interioridade e da intersubjetividade³". É o que sublinha a filósofa ao nos mostrar que a transcendência do "Ser" depende da busca do seu núcleo central:

Edith Stein identifica um núcleo central (*Kern*) da identidade pessoal: a alma (*Seele*), cuja vida é orientada a partir de dentro e do alto, entre interioridade e transcendência. O corpo vivo animado (*Leib*) é, com isso, iluminado, a mesma luz que preenche a alma se irradia, tornando-a morada adequada para a atuação de uma vida concretamente livre. (MANGARO, P. 2016, p. 15)

No entanto, o ser humano para Edith Stein é um ser espiritual enquanto uma união entre corpo e psique. Por isso, ele permanece sempre aberto, em formação. Logo, a formação humana acontece quando se busca o núcleo central, e ao encontrá-lo descobre o que se tem na sua originalidade (individualidade, identidade), ou seja, é preciso ir no nosso eu mais verdadeiro para encontrar a felicidade e o sentido de nossa própria existência. É preciso olhar como objeto formal, a vertente de que a tomada de consciência do Aconselhamento filosófico permite o ser humano compreender o sentido de sua existência (que é possível) e participar da sua própria formação e constituição original do seu ser pessoal, segundo a ótica da verdade e a luz da história primordial da filosofia, uma vez que o mesmo se encontra inserido na profundidade antropológica da sua essência e transcendência.

Partindo desses pressupostos é perceptível que a filosofia aparece muitas vezes como uma matéria prática capaz de fazer a diferença no mundo e de nos dizer

³ MANGANARO; P. "Fenomenologia da relação – A pessoa humana em Edith Stein". Curitiba: Juruá, 2016. p. 15

muito sobre os percalços cotidianos, bem como a nossa própria existência. A filosofia, portanto traz uma promessa que pode parecer ingênua, mas na verdade é muito profunda: a de mostrar um caminho para aprender a ser feliz. Ou seja, é possível através Aconselhamento filosófico, do exercício de interiorização e da reflexão, chegar-se ao núcleo central do nosso próprio eu, e ali, descobrir uma força transformadora capaz atualizar as nossas potencialidades humanas. Entretanto, trazer à tona o tema "*O Aconselhamento filosófico como contribuição para a formação da pessoa humana, segundo Edith Stein*", requer a função de clarear as fronteiras entre as dimensões humanas e os diversos limites do ser humano, bem como demonstrar o entrelaçamento e as influências que ocorrem no interior de cada pessoa. Sendo assim, o presente artigo além de um estudo bibliográfico das obras já mencionadas anteriormente, apresenta como método utilizado para a realização desse trabalho, a pesquisa analítica e reflexiva sobre a fenomenologia que Edith Stein descreve para apresentar a estrutura do ser e os conceitos de tal formação.

1 O ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO

O Aconselhamento filosófico nasce da tese de que a filosofia deve ultrapassar os muros das universidades e, deve ser inserida de maneira prática no nosso cotidiano. O movimento foi iniciado por Gerd B. Anchenbach, em 1982 na Alemanha com a fundação da Sociedade internacional para a prática filosófica. Essa nova concepção de filosofia desenvolveu-se pelo mundo a ponto de tornar-se um movimento epistemológico com critérios, abordagens e métodos cada vez mais especializados. Segundo Felipe Menezes, em sua obra "*A ideia geral do Aconselhamento Filosófico*"⁴ o mesmo acontece mediante dois princípios: "noções de filosofia" e "ajuda". Isto é, o conselheiro filosófico ajuda o indivíduo compreender seus problemas e dificuldades por meio de instrumentos de trabalho, conteúdos e reflexões filosóficas que englobam o seu próprio "Ser".

⁴ MENEZES, F. M. A ideia geral do "aconselhamento filosófico". Uma introdução ao tema. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 39, v. 1, 2011. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_ideia_geral_do_aconselhamento_filosofico.

Sabemos que a sociedade atual não proporciona liberdade pessoal e social, nem capacidade de aproveitamento das possibilidades de auto-observação, o que dificulta o encontro do indivíduo consigo mesmo perante diversas realidades que os cerca. No entanto, o Aconselhamento filosófico aparece como uma manifestação de tais liberdades que o indivíduo pode vir experimentar através de uma orientação filosófica, sejam elas, no plano de experiência do pensamento ou comunicação. O problema que permeia a sociedade e a vida de muitos indivíduos, é que muitas vezes, a reprodução das estruturas, elementos e operações de sistemas da própria sociedade alimenta-se das "liberdades individuais" de cada indivíduo. Ou seja, a pessoa não tem mais liberdade e tempo para expressar ou sentir aquilo que lhe incomoda, tudo já lhes é imposto. A sociedade já vive sua própria autodeterminação, tudo já está determinado (projetos de vida, preferência individual, autonomia de pensamento).

Nesse sentido, o Aconselhamento filosófico aparece como uma nova realidade, que lida com questões existenciais e éticas do indivíduo, trabalhando as suas possibilidades e limites, a fim de apresentar-lhes seus próprios valores. No entanto, podemos dizer que o filósofo é aquele que ajuda alguém a filosofar. Não como um professor que ajuda o aluno ao longo do processo de aprendizagem, mas como alguém que orienta o seu esforço no sentido de uma produção da atividade filosófica sobre a experiência. O conselheiro filosófico deve, portanto ter a capacidade de organizações de ideias e interpretações de vivências, tomadas de decisões práticas e resoluções de problemas, o que difere do professor de filosofia, no qual a sua única preocupação é apresentar conceitos básicos filosóficos, atendendo um determinado processo de aprendizagem. Baseando-se nos princípios do Aconselhamento filosófico e alicerçados em seus fundamentos, podemos dizer que este nos proporciona a interiorização e a reflexão pessoal do próprio ser buscar descobrir o que existe em seu núcleo central, como nos apresentará Edith Stein.

Atualmente, presenciamos o ápice da vida humana como o centro de toda a realidade histórica e social - o ser humano deve estar no centro. Antes de qualquer tomada de decisão ou mudança, o foco volta-se a ele e por ele. Todos os investimentos e recursos devem ser aplicados ao ser humano, a fim de que oferecer-lhes as condições necessárias para se obter uma vida digna, considerando a sua personalidade e o

aprimoramento da sua formação integral. Sendo assim, podemos nos perguntar: em que consiste a formação humana? É possível formar uma pessoa? Como um conselheiro filosófico – educador, pode contribuir no processo de formação de um indivíduo? Será que para a formação da pessoa e seu autoconhecimento bastam os cursos, teorias, métodos ou técnicas? Se realmente, fosse essa a condição fundamental para a formação da mesma, porque diante de tantos meios e possibilidades, até mesmo tecnológicas, o ser humano ainda continua insatisfeito? São esses questionamentos que permitem adentrarmos nas razões primordiais do Aconselhamento filosófico, afim de nos direcionar ao estudo sobre a formação e a realização da pessoa humana, uma vez fundamentado na antropologia filosófica e na estrutura da pessoa humana, segundo Edith Stein. Entretanto, para se falar de Edith Stein faz-se necessário "pensar" e "agir" por amor ao mundo, no qual cuja vida foi dedicada para o pensamento e a ação. É fundamental referir-se ao mundo, pois não há uma vida que mereça ser contada sem que se deixa suas marcas, seja porque contribuíra para sua transformação, seja porque compreendera tais transformações.

1.1 OBRAS E PENSAMENTOS DE EDITH STEIN

Edith Stein, nasceu no dia doze de outubro de 1891. Foi uma grande educadora, filósofa e teóloga Alemã de sua época. Era de descendência Judia, embora tenha passado pela experiência Cristã quando realizara a leitura do livro de Santa Teresa D'ávila. Sua mãe Sra. Augusta Courant Stein, proporcionou-lhe uma grande inspiração ao assumir o ofício de comerciante após a morte de seu pai Sr. Siegfried Stein. Observando a coragem de sua mãe, Edith Stein desperta-se para a vida, apesar de que em sua época a mulher não podia usufruir de todos os seus direitos. Assim como muitas mulheres do seu período, bem como alguns filósofos, Stein experimenta a amargura de suas crises existenciais e pessoais, inclusive aquelas relacionadas ao âmbito da fé, o que a faz declarar-se ateia no início de sua juventude. É perceptível que os ensinamentos de sua família, denotam um papel muito significativo em sua formação, ao ponto de influenciar a sua educação e o seu caráter pessoal, como também o desejo da busca pela verdade. Sua formação possui caráter singular, prova disso, foi quando ingressou na Universidade de Breslau (1910), participando do início da carreira

universitária para as mulheres. Edith Stein foi do primeiro grupo de mulheres acadêmicas a frequentar as salas das universidades. Viveu com intensidade, lutou pelos direitos da mulher e optou pelas questões políticas de sua época. A característica de seu pensamento deve-se ao fato de que, o conhecimento é sempre “vanguarda”. Ou seja, para Edith Stein não podemos nos acomodar no que já está consolidado, é necessário tentar entender os fatos e a partir dos mesmos apontar novos horizontes.

No período em que Edith Stein vive na Alemanha surge um novo movimento, chamando de “fenomenologia” apresentada por Edmund Husserl, o que tornara mais tarde, o pai da fenomenologia. A teoria de Husserl torna-se a grande “matriz” do pensamento de Edith Stein. A forma dela pensar e filosofar, será com as ferramentas e com o modo por ele apresentado. Diferente de outros filósofos da época em que havia certa resistência em acolher mulheres nos seus círculos de pensamentos, Husserl merece grande destaque, pois não faz acepção das mesmas. Isso marca de maneira profunda a forma do pensamento de Stein, mediante essa raiz e ambiente no qual se encontra. A novidade desse novo movimento e a beleza expressa por Husserl em tal racionalidade, atrai Stein e inquieta seu coração, ao ponto de querer mudar de Universidade e seguir ao encontro do seu tão “amado professor”. Ao transferir-se, então, para a Universidade de Gottingen, Edith Stein depara-se com diversos círculos de saberes que fora constituído pelo seu atual mestre Husserl, bem como pelos seus discípulos: Adolf Reinach, Max Scheler, Alexandre Pfander, Hedwig Conrad-Martius, Jean Hering, Heidegger dentre outros.

Enfrentando grandes períodos de guerras, crises e dificuldades que perpassaram sua adolescência e juventude, Edith Stein seguia acreditando em suas capacidades intelectuais e buscava forças em suas potencialidades que a própria vida lhe ensinara e, positivava tudo aquilo que um dia fora negativado em sua vida. A partir de suas reflexões e experiências pessoais, sociais e intelectuais, Edith Stein compreende o verdadeiro valor da pessoa humana. Na busca pela verdade e compreensão concreta do ser humano, abre-se a vivência e experiências religiosas. Próximo ao dia de sua suposta conversão, ao visitar a biblioteca de sua amiga Conrad Martius, Edith Stein encontra a luz que tanto almejava, pois sempre ouviu dizer entre os fenomenólogos sobre: “*Os relatos da vida interior*”, descrito na obra de Santa Teresa

D'Ávila. No decorrer da leitura do livro, Edith Stein se sente inquieta frente algumas situações-problemas ali afirmadas, porém conclui que a verdade é humanamente alicerçada no tempo e na história pessoal de cada ser humano, e ao mesmo tempo transcende tudo aquilo que compõe o “Ser”. Edith Stein entende que, uma vida não examinada em sua profunda interioridade, não está apta para conhecer a verdade. Assim como uma vida sem espiritualidade – sem Deus, é vazia. Para Edith Stein, a nossa vida não pode ser preenchida em sua plenitude sem antes decifrarmos a fragrância de nossa própria essência. Eis o motivo de sua conversão: chegar ao seu “eu” mais pessoal e verdadeiro, e ali encontrar o sentido da sua própria existência.

Uma vez ciente de sua verdade, Edith Stein, converte-se ao catolicismo, tornando-se monja Carmelita. Adotou como nome de consagração, *Theresia benedicta a Cruce* — *latim*, que se traduzido para nossa linguagem, significa: Teresa abençoada pela cruz. Durante todo o período de sua permanência no convento, doou a sua vida e colocou seus dotes intelectuais a serviço da Igreja. Porém, sua doação foi totalmente plena quando decidiu morrer por amor aos seus, de modo a afirmar toda graça e liberdade humana como dom de Deus. Três dias antes de sua morte, já desolada e perplexa com a conduta de seus agressores, havia dito aos que ali se encontravam: “Aconteça o que acontecer, estou preparada. Jesus está aqui conosco”. Edith Stein morreu no dia nove de agosto de 1942 em Auschwitz, numa câmara de gás junto com sua irmã Rosa, vítima do regime nazista. Em onze de outubro de 1998, foi canonizada pelo Papa João Paulo II, que a proclamou santa, padroeira da Europa.

Diante dessa trajetória de vida, podemos perceber desde a sua origem, a coragem que teve Edith Stein para enfrentar o mundo, esse horizonte tão indiferente a nós. Contudo, o legado de Edith Stein consiste, justamente, em proporcionar a verdadeira felicidade àqueles que estão escondidos nos escombros da vida, para que possam transcender-se naquele que é, para então, contemplá-lo na eternidade como a luz que brilha num mundo que não pode vir a ser, senão pela condição humana que o atrai. Por isso, para estudar Edith Stein é preciso, primeiramente, “tornar-se fenomenólogo”, para então, compreender de maneira eficaz a decodificação de seus escritos, afim de que a leitura não seja superficial. Portanto, “fazer fenomenologia é compreender o sentido da humanidade através de uma epistemologia analítica das

experiências”⁵. Apontar esse percurso é importante porque o problema que Stein tenta resolver e entender acerca da pessoa humana requer as bases categóricas da fenomenologia Husserliana. Por isso, se não entendermos como é o movimento fenomenológico, o seu modo de se organizar e encontrar a verdade, dificilmente, conseguiremos compreender a trajetória filosófica de Edith Stein, no âmbito da formação humana.

1.2 A FENOMENOLOGIA

Na busca de entender os processos dos fenômenos, Husserl depara-se com várias formas de se fazer filosofia e produzir conhecimento. Essas formas eram, especialmente, o *positivismo*⁶ — o modo de ler a realidade (tudo passa pelas decodificações da Ciência Moderna) e ao mesmo tempo, o *psicologismo*⁷ (observar e compreender todos os fenômenos a partir das reações psíquicas que o ser humano apresenta). Sendo assim, Husserl propõe reformar a forma de fazer conhecimento, tentando empossar um novo princípio absoluto que não fosse relativo, no qual seria possível a construção concreta do conhecimento. Para isso, ele nos diz que não precisamos de um método já estabelecido, pois eles não oferecem o condicionamento fundamental absoluto. Ou seja, a filosofia nessa época, era considerada um mero estatuto ou um “conto de fadas”. Ela havia perdido a sua dimensão histórica: uma ciência que fundamenta outros saberes. Portanto, Husserl pensa e cria um método. A primeira parte constitutiva desse método consiste em *voltar às essências*. A segunda parte traz à tona o *princípio da intencionalidade*: a capacidade de enxergar as essências (ver as coisas como elas são e não como queremos). A intencionalidade é, portanto, a ligação do sujeito que conhece, com as coisas que aparecem para o mesmo.

⁵ MANGANARO; P. “Fenomenologia da relação – A pessoa humana em Edith Stein”. Curitiba: Juruá, 2016. p. 14.

⁶ *Positivismo* é uma **corrente de pensamento filosófico, sociológico e político** que surgiu em meados do século XIX na França. A principal ideia do positivismo era a de que o **conhecimento científico** devia ser reconhecido como o **único conhecimento verdadeiro**. O principal idealizador do movimento positivista foi o pensador francês **Auguste Comte** (1798-1857), ganhando destaque internacional entre metade do século XIX e começo do XX.

⁷ *Psicologismo* é a doutrina filosófica que subordina a lógica e a epistemologia à psicologia. É uma tendência filosófica dominante durante mais de cem anos, e até hoje é muito influente subliminarmente, segundo a qual a validade dos princípios lógicos advém de causas psicológicas, gramaticais, sociológicas, etc.

Analisando a proposta Husserliana, podemos nos perguntar: como se forma o sujeito, a pessoa humana? Husserl irá nos dizer que, o sujeito se constitui através daquilo que ele mesmo oferece e acolhe. Para Edith Stein, “dar” e “acolher” são realidades que o próprio sujeito conhece – saberes. Ou seja, aquilo que de certa forma foi integrado e passou pelo seu fluxo de consciência. Nós não oferecemos ao outro aquilo que não temos. Nesse sentido, Edith Stein valoriza no ser humano a presença da consciência. Difere-o dos animais, pelo fato da formação de consciência humana trazer em sua essência os conceitos de *liberdade*, *vontade*, *entendimento* e *temporalidade*. Por isso, o ser humano torna-se um ser criativo, espontâneo. Segundo Edith Stein, nós nunca podemos começar a analisar o que está distante de nós, mas o que está próximo a nós. Assim:

A pessoa humana é um ser originário que tem a capacidade de ser consciente de sua existência e agir em conformidade ao que é melhor para si. Ao nascer a pessoa traz consigo algo de fixo que se conserva em conformidade ao seu núcleo (*kern*)⁸, que é qualitativamente único e singular. A esse núcleo são atribuídas as formas intelectivas, que são universais pela sua consistência, mas individualizadas nas pessoas”. (SBERGA, 2014, p. 74)

Partindo desse pressuposto, Edith Stein vai nos dizer que nós, enquanto objeto primeiro de tal análise, sempre nos manifestamos como “sujeitos expressantes”. Isto é, existe em nós uma pulsão de expressão, que deseja tornar claro a superfície aquilo que é mais profundo. Assim, essa condição de “sujeito expressante” revela sempre a existência de uma dupla polaridade. Ou seja, de um lado sempre existe um sujeito que deseja se expressar, manifestar a sua essência. Mas, ao mesmo tempo, existe algo que é expressado, algo que é mostrado. Entretanto, essa dupla polaridade se caracteriza como *vontade e liberdade*. Por isso, dizer que somos “sujeitos expressantes”, é dizer que existe em nosso íntimo, no mais profundo do nosso ser, uma consciência que expressa verdades.

Para Edith Stein, *verdades* são todas as essências que se mostram para a consciência. Não podemos ter controle sobre a verdade, sobre a essência. Elas nos afetam. Já a *consciência* é, justamente, esse pólo que faz com que essas essências não se percam. Logo, não há uma precedência de consciência sobre a verdade, e não há uma

⁸ Kern (núcleo); aquilo que a pessoa é em si. Porém, nem tudo o que a pessoa é, está contemporaneamente atualizado na sua vida consciente.

precedência de verdade sobre a consciência. Sendo assim, podemos dizer que uma essência nunca se doa de maneira fragmentada, ela sempre apresentará a sua totalidade. O sujeito, porém, nunca conseguirá acolher o todo da essência, apenas perfis da mesma, logo toda essência quando se manifesta a nós ela oferece a *potencialidade*.

Edith Stein chama essa potencialidade de “*possibilidade do dizível*” (ela pode ser dita). Ou seja, a essência dizível - pode ser dita, e a consciência é dizente - estruturalmente pode dizer as coisas. No entanto, podemos afirmar que, “O homem é uma manifestação para ele mesmo, e nós sabemos que Edmund Husserl havia falado de um paradoxo, isto é, que o ser humano é capaz de analisar a si mesmo e, ele é contemporaneamente sujeito e objeto da análise” (BELLO, 2009 p. 34). Assim, Edith Stein elabora o fundamento de sua antropologia filosófica: não aquela que se apoia na Ciências da natureza (povos, raças, descrições morfológicas etc) orientada ao mundo material e as suas leis universais, mas aquela que segue a Ciência do Espírito, que visa uma característica peculiar do ser humano, ou seja, a sua individualidade. Por isso, nos diz: “Ao ser humano pertence a individualidade e, portanto, não o compreendemos se não o atingimos. Este princípio, porém, vai muito além daquilo que uma descrição da individualidade humana pode sugerir. Coloca-se como uma afirmação sobre o ser humano como tal e como princípio de uma ciência que se pode chamar, com maior razão, antropologia”. (STEIN, 2000, p. 60).

1.3 A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA E O ATO FORMATIVO

Se assim podemos afirmar, a antropologia filosófica de Edith Stein, denota uma ligação com os fundamentos do Aconselhamento filosófico, pois ambos tentam responder à questão: o que é o homem? Essa antropologia, portanto envolve de certa forma, uma parte da metafísica que se “dirige a ideia geral de homem e, estabelece um vínculo estreito com a pedagogia, no sentido de que está pressuposta dentro de qualquer teoria que pense nas condições e possibilidades do aprendizado e da formação do ser humano⁹”. No entanto, podemos compreender que a antropologia de Edith

⁹ KUSANO, M.B. “A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia. São Paulo: ideias & letras, 2014. p. 60.

Stein, busca analisar o que é universal em todos os seres humanos. Já o Aconselhamento filosófico, permite que o indivíduo tenha o autoconhecimento de si próprio a partir das concepções filosóficas que o levam ao mais profundo de sua existência; o que para Edith Stein seria concebido como a *plenitude do ser*, no qual denomina-se mais tarde: “*Ser espiritual*”. Assim, é perceptível que o processo formativo da pessoa humana, depende de uma antropologia que abrace também uma estrutura espiritual, ou seja, a *alma* humana. O Aconselhamento filosófico é, portanto o caminho que direciona o indivíduo para a sua auto — transcendência. Por isso, cabe ao conselheiro filosófico – educador, adentrar no mais profundo do ser humano e, extrair aquilo que o impeça de chegar a contemplação de sua essência.

[...] porque a formação e educação devem compreender o ser humano na sua totalidade de corpo vivente e alma, é importante para o educador conhecer a estrutura, funções e leis do desenvolvimento do corpo (korper) humano para saber o que pode ser útil ou danoso para o desenvolvimento conforme a sua natureza. É igualmente importante conhecer as leis gerais da vida da alma humana para se levar em conta na obra educativa. (STEIN, 2000, p. 55).

A concepção de antropologia apresentada por Stein, bem como toda a fundamentação do Aconselhamento filosófico, não ilumina somente o abismo da condição humana e o lado obscuro da alma que ainda não fora descoberta, mas gera ao indivíduo o entendimento e a vontade de nutrir-se do que é originalmente essencial para a sua constituição enquanto Ser. Sabemos que o Aconselhamento filosófico se difere da psicanálise em muitos aspectos, visto que, o mesmo é indicado para o são e não para o doente. Frente a isso, podemos compreender que Edith Stein vai mais além, e levanta a questão de que, “A psicanálise transforma o ser humano normal em alguém que tem como meta ou o curar-se ou prevenir-se de perturbações anímicas” (KUSANO, 2014, p.62). Ou seja, para ela o homem não é capaz de encontrar por si próprio o caminho central de suas exigências, portanto, descarta os métodos utilizados pela psicologia, pois não são teorias, remédios, receitas prontas que conduzirão os mesmos ao ápice de suas satisfações, mas o apoio ou direcionamento de outro (conselheiro-educador) que o auxilie na busca do seu próprio eu, a fim de que lhe

apresente as suas bases estruturais e conceituais que carece de uma concepção positiva do Ser¹⁰.

1.4 A ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA

Discípula de Edmund Husserl (1859 – 1938), Edith Stein ao desenvolver seu pensamento antropológico que engloba as perguntas e questionamentos filosóficos inerentes a toda a existência humana, interpreta a condição humana não somente pela ótica do Ser pessoal - individual, mas direciona seu posicionamento a partir do real, da sua estrutura essencial e ontológica, ou seja, da experiência fenomênica do ser pessoa. Entretanto, não obterá um conhecimento exato sobre o ser humano, mas observá-lo sobre a ótica filosófica, de modo a extrair conceitos distorcidos que se perderam ao longo de sua estruturação enquanto Ser. Sendo assim, Edith Stein constata que a pessoa humana é constituída por três dimensões: *corpo*, *psique* e *espírito*. Por possuir uma estrutura pessoal, o ser humano se diferencia de outros seres, pois, pode refletir sobre si próprio e ser o sujeito e o objeto de sua própria reflexão. No entanto, seu corpo é corpo vivente (*Leib*) possuidor de uma dimensão material. A psique (dimensão psíquica) é um tanto complexa, pois, através dela o indivíduo pode sentir as suas percepções — primeira operação da atividade intelectual, como também, pode experimentar toda a sua parte corpórea, conhecendo suas emoções e sentimentos. O espírito (dimensão intelectual) que traz seus atos possíveis de ser: *vontade* e *razão*. Por ser uma pessoa espiritual, o indivíduo é capaz de tomar suas próprias decisões e sentir-se livre para assumir a missão que a vida lhe exige. Portanto, “O que diferencia o ser humano de outros seres é a atividade espiritual a qual permite ter acesso a sua interioridade e, por isso, pode ser livre e agir com autonomia¹¹”.

¹⁰ Há um texto de Stein sobre Heidegger no qual ela faz uma análise da sua filosofia da existência. Este texto, originalmente, era um apêndice da obra *Ser Finito y Ser Eterno*, mas atualmente encontra-se separado desta. Está traduzido para o italiano sob o nome de *La Filosofia Esistenziale di Martin Heidegger* e encontra-se numa coletânea de textos sobre a autora: STEIN, Edith. *La Ricerca della Verità: dalla Fenomenologia ala Filosofia Cristiana*. Ed. Angela Ales Bello. 3^o ed. Roma: Città Nuova, 1999.

¹¹ SBERGA, A.A. “A formação da pessoa humana em Edith Stein, princípios educativos com o... Revista de Ciências da Educação. UNISAL, Americana, SP, ano XVII no 32 p. 216.

Entre a psique e o espírito está a *alma*, a parte mais profunda da pessoa. Pois, ali reside o conjunto complexo de todas as suas forças. Dela emana-se a motivação, a liberdade, seu querer agir bem em vista do “bem maior” e da verdade. Segundo Adair Sberga (2014), a parte central da alma é o seu núcleo interno:

É uma realidade ontológica que se refere ao ser da pessoa, que permite afirmar que ali há uma identidade não confundível. [...] A identidade está no mais profundo da pessoa, na sua interioridade, lá onde não pode ser confundido com ninguém, lá onde a pessoa é singular. Portanto, para que o ser humano possa se desenvolver, precisa ir ao seu núcleo, a sua profundidade, a sede da presença da verdade ou Deus, onde se manifesta a máxima transcendência, presente na imanência. (SBERGA, 2014, p. 118)

Nesse sentido, podemos dizer que tudo aquilo que o indivíduo sofre externamente, permite que o mesmo se direcione ao seu núcleo central, afim de encontrar o caminho que determina a sua própria transformação e razão de existir. De fato, podemos afirmar que o Aconselhamento filosófico contribui de maneira significativa para a formação da pessoa, pois, possibilita ao indivíduo a buscar a verdade através desse processo contínuo de interiorização entre o “eu existencial” e o “eu escondido”.

Partindo desses pressupostos, Edith Stein afirma que todas as nossas atividades estão a serviço do próprio núcleo vital, e este, permite que o indivíduo experimente os estímulos dessa força que os rege e os faz ser enquanto o tal, adentrando em seus respectivos estados emocionais. Existe, portanto, a possibilidade dos corpos viventes expressarem sua vida interior e de compreenderem a sua subjetividade. Logo, podemos afirmar uma possível conexão entre a vida interior e exterior, enquanto, a formação da pessoa reside nesse aperfeiçoamento das estruturas que, se consistiu através de um processo dinâmico e contínuo, realizado entre a vivência e a consciência, permitindo que o indivíduo construa a sua personalidade e integralmente a sua própria forma. Esse processo acontece quando a alma humana possibilita ao indivíduo a atualização.

Segundo Edith Stein, a alma é composta por muitos “órgãos”, sendo a razão o principal deles, cuja função é a de captar e organizar as informações e os materiais que provém do mundo externo e, enviá-los para a periferia da interioridade pessoal mais profunda, porém nem sempre o indivíduo consegue passar de um modo de ser

para outro mais elevado. É somente através desse processo formativo externo que, uma vez acionado pelo interno, que o mesmo conseguirá atingir o seu “núcleo pessoal”, adequando-lhe na forma original de sua personalidade. Edith Stein, chama as potências da alma de “*forças espirituais*”, sendo elas: a memória, a imaginação, o intelecto, a vontade, o sentido, os sentimentos etc. Entretanto, podemos dizer que a alma possui em si qualidades positivas que oferecem ao ser a possibilidade de mudanças e transformações. Assim, todas as propriedades da alma (pureza, bondade, nobreza etc), carregam em si suas “qualidades” e “estados” (felicidade, tristeza, melancolia, medo) que ativam o corpo humano aos seus respectivos movimentos causando algumas tendências ou aptidões, no qual podemos classificar como vocação, dom, talento etc. Essas propriedades espirituais que definem o nosso corpo enquanto tal, são recursos universais da própria alma humana que se apresenta a cada um de nós e, quando desabrochadas ou atualizadas, oferecem-nos a capacidade de compreender a maneira de ser e estar no mundo. Ou seja, núcleo central da alma é marcado pela dimensão mais genuína do Ser. Ele é capaz de orientar e direcionar toda a vida pessoal do ser humano. Sendo assim, todo indivíduo que adentra nesse processo formativo da relação entre a profundidade e a interioridade humana, é capaz de abrir-se ao transcendente, ao divino, retornando sempre ao seu mundo exterior de forma mais qualificada, buscando o bem em si e assumindo a sua própria identidade e personalidade, ao ponto de descobrir em si mesmo a sua essência e verdade, o que lhe tornara aquilo para o qual foi criado.

1.5 A CONTRIBUIÇÃO DO ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO

A grande contribuição do Aconselhamento Filosófico para a formação da pessoa humana, consiste justamente em fazer com que os indivíduos através dos princípios filosóficos e da experiência da busca pela verdade, encontrem um caminho de reflexão e interiorização pessoal, a fim de que chegando ao seu núcleo central, encontrem a força necessária para atualizar suas potencialidades e retornar ao mundo exterior superando os dilemas próprios do cotidiano. Assim, o objetivo desse artigo é o de demonstrar que o conselheiro filosófico – educador, pode ajudar os indivíduos a entenderem a eventual busca da filosofia enquanto “remédio” para tratar os problemas atuais do cotidiano, bem como o sentido da vida e a existência do ser no mundo. Sendo

assim, Edith Stein permite-nos perceber que os resultados dessa pesquisa, voltam-se a efetivação da antropologia filosófica enquanto possibilidade de transformação do “eu pessoal”, encarando de maneira particular, o ser humano e as relações que ele estabelece com o mundo que o rodeia. No entanto, podemos notar que o indivíduo que não possui o autoconhecimento de si próprio, está fadado ao extermínio, pois, torna-se um ser aprisionado e condicionado pelos seus desejos e vontades ilusórias, não podem experimentar em sua vida a alegria de viver em harmonia com as coisas e com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, considero profundamente importante os resultados aqui obtidos através da análise das obras e dos conceitos apresentados por Edith Stein, pois, congregam toda a estrutura essencial da formação humana e mostra como nela acontece a ligação necessária para o crescimento pessoal – corporal, o desenvolvimento do caráter e a formação da autêntica personalidade originária de cada pessoa. Entretanto, podemos dizer que o Aconselhamento Filosófico também possibilita ao indivíduo compreender a sua relação finita de pessoa humana com o ser infinito de Deus, pois, a partir do momento que o mesmo aceita em seu interior as verdades por Ele revelada, é capaz de transferir tudo aquilo que está negativado em sua vida para aquele que o transcende, positivando, então, não só as suas qualidades mentais e corporais, mas toda a sua trajetória histórica que perpassa o tempo e o espaço, bem como o passado e o futuro. Assim, essa ideia de verdade que pouco a pouco vai sendo revelada ao indivíduo que busca a essência do seu núcleo central, em vista da sua formação pessoal, permite-nos também compreender aspectos comuns entre a razão e a fé.

Como mostrou-nos Edith Stein, nesse constante processo do devir-a-ser, *plenitude* é a palavra mais adequada para definir os anseios humanos, dado que o mesmo deseja viver uma vida mais completa e livre, porém a liberdade enquanto se apresenta como meta final, ou seja, o caminho para suas conquistas, também traz consigo seus dramas, a fim de ensinar para cada pessoa que a condição necessária para se obter uma vida satisfatória e feliz, consiste no deixar-se preencher pela graça que movimenta e

conduz a verdade do ente humano, visando sempre o respeito pelo outro na sua alteridade. Que Edith Stein nos conduza ao núcleo da alma, precedendo-nos sempre nesse caminho de busca pela verdade, afim de que possamos nos aventurar nos desafios da vida e agir livremente na integração harmônica dos valores humanos e espirituais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLO, Ângela Ales. A antropologia filosófica de Edith Stein e o mundo contemporâneo. Tradução de Jacinta Turolo Garcia. São Paulo: UNIFAI, 05 a 9 out. 2009. Palestra realizada por ocasião da semana de filosofia.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. Sócrates e os sofistas. In: _____. **Introdução à Filosofia**. Barueri: Manole, 2003. (Cap. 3, p. 13 a 18). (Biblioteca Digital Pearson).

KUSANO, Mariana Bar. **A antropologia filosófica de Edith Stein: entre Deus e a filosofia**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

MANGARO, Patrícia. **Fenomenologia da relação: A pessoa humana em Edith Stein**. Curitiba: Juará, 2016.

MENEZES, F. M. **A ideia geral do "aconselhamento filosófico": uma introdução ao tema**. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 39, pp. 101-140, 2011. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_ideia_geral_do_aconselhamento_filosofico>. Acesso: 10 set. 2018

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Disponível em:<www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000065.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

SBERGA, Adair Aparecida. **A Formação da Pessoa em Edith Stein**. São Paulo: Paulus, 2014

STEIN, Edith. **La struttura della persona umana**. Tradução de M. D'Ambra. Roma: Città Nuova Editrice, 2000.